

## Meio de campo

Reinaldo Marques

Kuschnir, Karina; Velho, Gilberto (Org.). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. 344p.

No intrincado processo das interações socioculturais, especialmente nas grandes cidades brasileiras, em que se assemelham um artista plástico e uma empregada doméstica? Ou um cantor de forró e um político? Ou ainda um escritor e um mestre de capoeira? Mais instigante essa outra pergunta: que relação pode haver entre essas figuras, aparentemente tão díspares em seus ofícios, e a violência que toma conta de nossas metrópoles, ferindo de morte o pacto social? A resposta para essas questões o leitor interessado encontra em *Mediação, cultura e política*, vigorosa coletânea de ensaios de antropologia social urbana organizada por Gilberto Velho e Karina Kuschnir.

O tema do livro é a mediação entendida enquanto fenômeno sociocultural, cuja razão de ser reside na existência das diferenças na vida social, possibilitando trocas, intercâmbios. Para esclarecer melhor o assunto, vale

aqui uma analogia com o futebol, deixando claro que analogias não exprimem verdades, sugerem apenas possibilidades. Pode-se dizer que a mediação diz respeito ao trabalho dos jogadores de meio de campo. Os amantes do futebol sabem bem da importância desses jogadores que tem como missão ligar a defesa ao ataque. Imaginemos que a defesa e o ataque constituam dois mundos distintos, diferentes, operando segundo lógicas antagônicas: ao segundo, o objetivo maior e glorioso de fazer os gols; à primeira, cabe a tarefa de impedi-los. A turma do meio de campo atua entre esses mundos distintos, fazendo uma ponte entre eles. Por isso, dos meio-campistas exige-se que tenham plasticidade, mobilidade, sabendo lidar com diferentes códigos: o da defesa e o do ataque. Assim, devem saber executar funções próprias aos dois setores de um time: saber defender, saber atacar e, sobretudo, saber fazer

passes precisos, estabelecendo uma comunicação efetiva e eficiente entre esses dois universos.

Os mediadores socioculturais assemelham-se ao pessoal do meio de campo no futebol. Na vida dinâmica e complexa das grandes metrópoles, eles constituem verdadeiras pontes entre mundos culturais diferentes. São verdadeiros pontos de ligação, que interconectam esferas distintas da realidade social, muitas vezes contraditórias. Com o avanço do capitalismo e da economia de mercado, as cidades foram se transformando em sociedades complexas, caracterizadas pela heterogeneidade cultural, pela especialização da divisão do trabalho e a diversificação e fragmentação dos papéis sociais, potencializando conflitos, contradições. Conflitos e contradições que, se não são bem elaborados, discutidos e negociados, costumam desaguar na violência bruta, exatamente pela falta desses mediadores, da tur-

ma do meio de campo. É o que está acontecendo hoje em inúmeras cidades situadas às margens do mundo do capitalismo tardio, no contexto da globalização, impondo desafios enormes a tais mediadores. Basta ter presente a violência cotidiana que se abate sobre as grandes cidades, alimentada pela injustiça social, pelas desigualdades exasperantes de classe e oportunidade, pelas redes do narcotráfico e da corrupção. Violência que, nos seus extremos, vai ferindo de morte o pacto social brasileiro, desacreditando as instituições capazes de garanti-lo frente aos cidadãos, à população.

Tanto os meio-campistas do futebol quanto os nossos mediadores lidam com um problema mais amplo: o da comunicação. Ao articularem mundos e realidades diferentes e antagonicos, possibilitam a comunicação entre eles, estabelecendo canais de contato capazes de promover o diálogo, muitas vezes tenso e cheio de mal-entendidos. Se bem-sucedido, esse diálogo viabiliza a negociação de diferenças, de espaços de hegemonia, minimizando os conflitos e, conseqüentemente, facilitando a distensão do tecido social. Daí a relevância do papel desses atores sociais e a necessidade de conhecer melhor sua trajetória de vida, seu projeto. Relevância também presente no campo da bola, como mostra a atual opção dos técnicos pelo esquema 3-5-2, incrementando o número de jogadores no meio de campo. O esquema destaca o papel dos laterais como elementos de ligação, ora fazendo lançamentos, ora atuando pelas pontas como verdadeiros atacantes. O que remete à importância assumida também pelos mediadores que atuam nas periferias do mundo globalizado, nas suas laterais, povoadas de resíduos de arcaicos mundos simbólicos, de massas de excluídos, articulando suas margens entre si, as margens aos centros do sistema global, nas suas diferentes esferas.

O estudo da mediação e dos mediadores constitui uma maneira de verificar como se dão as interações

entre categorias sociais e níveis culturais distintos. Interessam os processos de comunicação social e cultural em termos mais abrangentes, cabendo a identificação daquelas situações e contextos favoráveis à atividade mediadora. Ajuda aqui o recurso à biografia, o exame de trajetórias individuais dos mediadores, em que se destaca a importância das escolhas e decisões individuais, feitas dentro de um horizonte de possibilidades.

Nesse estudo, conforme mostra o trabalho de Gilberto Velho, ganha relevo especial a problemática do indivíduo e seus modos de relação com distintos níveis da realidade social, especialmente nas grandes centros urbanos. Problemática cuja gênese se vincula ao avanço do capitalismo e da economia de mercado, responsável por um conjunto de prática e valores centrado no indivíduo. Ilustrativo disso é a construção do indivíduo artista a partir do Renascimento, enfocando a singularidade da criação de autores individualizados e contribuindo para o processo de individualização. A importância assumida então pela dimensão interna do indivíduo, própria da subjetividade, propicia uma valorização da biografia e da trajetória individual na visão de mundo típica da modernidade ocidental. O romance constitui, na opinião de Velho, a manifestação artística de tal processo, ao tematizar a problemática da subjetividade e suas relações com o meio social, reforçando o indivíduo como unidade e referência básica.

A questão do deslocamento é outro aspecto importante que afeta também tanto os mediadores quanto os meio-campistas do futebol. Destes esperam-se jogadas em paralela ou em diagonal, com deslocamentos rápidos e eficientes quer no campo próprio quer no do adversário. No caso dos mediadores, importa o trânsito entre aqueles mundos socioculturais distanciados, deslocando-se por diferentes subculturas, linguagens, estilos de vida, visões de mundo, tipos de *ethos*. Tarefa que requer plasticidade e mobilidade,

a capacidade de lidar com múltiplos códigos, viver diversos papéis sociais, submeter-se a um processo de metamorfose. Atuando no entre-lugar, os mediadores experimentam de forma mais agônica as diferenças e contradições da sociedade. É que, hoje, a dinâmica nos grandes centros urbanos não é nada binária; ao contrário, nela se superpõem e interagem múltiplas e distintas realidades socioculturais, diferentes temporalidades.

Um bom exemplo desse deslocamento é o tema da viagem, tão presente nos romances. As viagens exercem um papel no desenvolvimento das personagens, revelando como a participação em diversos mundos sociais, em diferentes níveis de realidade, atua na construção do indivíduo. No entanto, para o antropólogo importam sobretudo as viagens internas a uma sociedade, reveladoras do deslocamento de um mesmo indivíduo por diferentes lugares e registros da vida em sociedade. Dessa forma, a mediação implica o cruzamento de fronteiras – sociais, culturais, comportamentais – e contém um potencial transformador de padrões antigos de relacionamento.

Bons exemplos de mediadores são as empregadas domésticas, normalmente oriundas de camadas populares e que trabalham em bairros de classe média e da elite; os mestres de capoeira, também oriundos de meios populares e ensinando a jovens e crianças das elites e camadas médias práticas e valores da cultura afro-brasileira; pais e mães de santos negros que dão consultas para pessoas da classe média; o carnavalesco, na escola de samba. Há ainda mediadores culturais, caso dos escritores, artistas, cantores e compositores, que viabilizam a interação entre a cultura popular nordestina tradicional e a cultura de massa, a exemplo do forró. Ou mediadores que atuam no campo da política, transitando entre o poder público e os eleitores, os grupos sociais organizados.

Ao estudo dos mediadores culturais dedica-se o primeiro bloco de trabalhos, relacionados à arte, música, literatura. É o que mostra o excelente ensaio de Hermano Vianna, situando “Hélio Oiticica como mediador cultural entre o asfalto e o morro”. A partir do Parangolé, Vianna mapeia a gênese da ação mediadora de Oiticica, privilegiando o exame de seu envolvimento com o mundo do samba e os modos de relação entre grupos de favelados e de elite no contexto carioca da década de 1960. Na mediação asfalto-morro promovida por Hélio Oiticica, evidencia-se a natureza esquemática e artificial das barreiras sociais, cuja desnaturalização mostra-se como precondição para a atuação mediadora.

Com relação à música, ela constitui-se em espaço privilegiado de interação social, ao promover a articulação de representações de culturas específicas e a afirmação de identidades grupais, regionais e nacionais. É o caso do baião, tomado como um dos gêneros de referência da diversidade musical brasileira, e de seu mais ilustre representante, Luiz Gonzaga, um importante mediador cultural, por transitar e articular diferentes mundos. Outro exemplo é o da emergência do “movimento de forró universitário” no Rio de Janeiro, composto por jovens das camadas médias, reivindicando o resgate e valorização de uma cultura nacional “autêntica”. A explicitação da trajetória individual de representantes de ambos os movimentos musicais – a exemplo de Luiz Gonzaga e Sebastião Brillhante Ferreira, o Bastos do Trio Forrozão –, nos ajuda a apreender a atuação mediadora desses artistas, conectando diferentes mundos e realidades – o sertão e a cidade, a cultura popular e a cultura de massa –, como mostram os estudos de Letícia Vianna, sobre o baião, e o de Roberta Ceva, sobre o forró.

Um trabalho importante de meio de campo é o dos políticos, pois mexem com as relações de poder na sociedade, administrando suas tensões e

contradições, negociando suas diferenças. Pode-se dizer que são os profissionais da mediação. Como tal, não deixam de ser também tradutores e intérpretes das diversas situações da realidade social dos grandes centros urbanos. E para que sejam bem sucedidos, devem ser capazes de circular com desenvoltura por diferentes mundos, códigos e valores, compreendendo-os e os traduzindo, com o objetivo de promover a comunicação entre distintos grupos sociais.

Por isso, na segunda parte do livro, três estudos estão dedicados aos mediadores políticos no contexto urbano. No primeiro, Karina Kuschnir apresenta uma análise cuidadosa da trajetória individual de um político que passa de engenheiro, sindicalista a deputado federal, cruzando vários mundos e realidades sociais. Trata-se de uma trajetória marcada pela heterogeneidade, em que se ressalta a capacidade de lidar com diferentes códigos, estilos de vida e valores. Nas escolhas e opções detectadas na trajetória desse político, percebe-se a existência de um projeto mais ou menos consciente que o constitui como mediador, capaz de estabelecer pontes de comunicação entre os diversos mundos pelos quais se move.

A política revela-se, por sinal, uma arte do meio de campo. Exige uma enorme capacidade de diálogo e negociação de seus adeptos. Se seus pontos de ligação falham, cresce a sombra da violência no corpo social. Daí a importância do trabalho de lideranças comunitárias, por exemplo, enfrentando as contínuas e aceleradas mudanças da cidade. Esclarecedor a esse respeito é o ensaio de Alessandra Barreto, enfocando a trajetória de um líder comunitário – João Fontes, presidente da Associação dos Moradores e Amigos do Leblon nos anos de 1980. A reconstrução de sua trajetória permite caracterizá-lo como um mediador entre a associação e o poder público. Por sua vez, noutro estudo, Cristina Patriota de Moura considera a atuação mediadora de Pedro Ludovico

Teixeira, médico e político goiano que se empenhou na mudança da capital do Estado e foi responsável pela construção de Goiânia, a nova capital, na década de 1930. O exame da trajetória de Pedro Ludovico possibilita entendê-lo como um mediador entre a metrópole e o sertão, o regional e o nacional.

O terceiro e último bloco de textos do livro aborda a atividade mediadora de personagens femininas em situações de acentuada heterogeneidade, envolvendo a violência urbana, o trabalho doméstico, a umbanda e a psiquiatria. Aqui se destaca a atividade mediadora da empregada doméstica. Movendo-se dos bairros da periferia das grandes cidades para trabalhar em residências da classe média alta, ou da elite, as empregadas põem em contato diferentes visões de mundo, estilos de vida, costumes. Dois ensaios centram-se nas relações entre patroas e empregadas domésticas, mapeando de forma bastante esclarecedora as (des)conexões entre esses dois universos. No de Cláudia Barcellos Rezende, há uma instigante perspectiva comparatista na medida em que reflete sobre as ligações entre amizade, igualdade e diferença com base em duas distintas situações etnográficas: Londres e Rio de Janeiro. Entrevistando um grupo de ingleses de classe média, todos brancos e residentes em Londres, de um lado, e, de outro, um grupo de patroas de camadas médias, também brancas, e de empregadas domésticas, não-brancas e oriundas de classes populares, moradoras no Rio de Janeiro, Cláudia procurou verificar de que forma a amizade encara as distâncias culturais e sociais nesses dois universos tão díspares. Considerando as diferenças existentes entre ambas as situações, a estudiosa chega a algumas conclusões interessantes, que levam a problematizar o princípio da igualdade como condição básica na construção da amizade, evidenciando tratar-se de postulado típico da sociedade ocidental. No caso inglês, a amizade se dá entre iguais e no âmbito do privado, como reação voluntária e afetiva desvinculada de

interesses materiais; aqui a amizade separa as pessoas, visto que procura estabelecer confiança entre iguais. Já no caso brasileiro investigado, a amizade se estabelece no espaço do trabalho, na esfera do público. Ao aproximar indivíduos desiguais, constitui-se num mecanismo de mediação. Em ambos os casos, no entanto, a amizade reflete um valor mais fundamental, que é o de estar em relação com o outro.

O texto de Maria Cláudia Coelho, por sua vez, investiga a troca de presentes entre patroas e empregadas domésticas, discutindo o aspecto da natureza obrigatória da reciprocidade. Interessam-lhe ainda duas outras questões: a visão das regras norteadoras da conduta individual como uma linguagem e o a capacidade de os objetos permutados dramatizarem a relação entre doador e receptor. Um problema importante salientado por Maria Cláudia é o caráter assimétrico da troca entre patroa e empregada, pois se trata de uma troca entre não-iguais. Nesse caso, possuindo um *status* superior, o doador dá um objeto esperando em troca um sentimento: a gratidão - que possui um gosto de servidão. O interessante nesse estudo é o realce conferido à dimensão subjetiva das trocas materiais, interligando *status* social a sentimentos. Na atuação mediadora, o estudo das emoções não é nada desprezível e implica levar em conta os discursos e seus contextos, dado que as trocas de presentes são mensagens produzidas por certos indivíduos, em

que falam de si e de suas relações com os outros.

Tomado em seu conjunto, *Mediação, cultura e política* oferece uma contribuição valiosa para a compreensão dos complexos fenômenos de interação social e cultural na sociedade contemporânea, especialmente nas grandes cidades. Os textos iluminam os delicados pontos de conexão que se operam no espaço social, nas interações entre indivíduos, grupos humanos, instituições. Evidenciam a importância das diferenças, da heterogeneidade cultural e social. Diferenças que são atravessadas por relações de poder, por tensões e conflitos. Por isso a relevância do papel dos mediadores, na medida em que permitem a comunicação entre mundos sociais e culturais distintos e distanciados, muitas vezes antagônicos, implicando um processo árduo e contínuo de negociação de diferentes interesses, códigos, visões de mundo; da realidade, enfim.

Não se pode deixar de registrar também o caráter despojado e ágil da escrita dos ensaios, facilitando a leitura dos textos por parte de leitores menos especializados. Para isso contribui certamente a incorporação da forma narrativa, como a biográfica, do relato de trajetórias de vida, possibilitando o esboço sugestivo do perfil de mediadores da problemática urbana. Não se pode deixar de observar, ainda, a visada eminentemente moderna das análises, ao privilegiarem o indivíduo e sua inserção na sociedade urbana.

Com isso, há uma ênfase na ação mediadora dos indivíduos, nos aspectos subjetivos, em detrimento das instituições, dos aparatos tecnológicos, informacionais e midiáticos, que parecem estar cumprindo também um papel relevante no trabalho de meio de campo, dentro do contexto da globalização econômica e cultural.

Finalizando, cabe retomar as questões colocadas de início. Na complexa trama das interações socioculturais própria das grandes cidades, das sociedades complexas, diferentes atores sociais, tais como artistas, empregadas domésticas, cantores e compositores, escritores, pais de santos, capoeiristas, se aproximam por executarem o papel de mediadores, viabilizando a interligação entre realidades sociais e culturais distintas e diferentes. Papel cujo êxito tem a ver com escolhas pessoais, contextos e capacidade de lidar com diferentes códigos, estilos de vida, visões de mundo. Em sociedades tão marcadas como a nossa pela heterogeneidade e pela assimetria social, em que as tensões e conflitos são extremamente potencializados, os mediadores são elementos importantes de minimização da violência urbana e de recomposição do pacto social. Exatamente por permitirem a comunicação entre mundos distintos, o diálogo e a negociação das diferenças sociais e culturais. E estimularem uma forma criativa e construtiva de lidar com as próprias contradições.

